

Valdeise Ramos da Silva.
Prof.^a D. Priscila de Oliveira Xavier Scudder.

ANTROPOLOGIA E EDUCAÇÃO

Em seu texto *O Lugar Antropológico*, Augé discute o “*lugar comum*”, que tanto para os etnólogos quanto para os indígenas pode ser considerado invenções, já que a marca social do solo nem sempre é original.

Corazza, reflete sobre pedagogia e currículo com base em três grandes tempos históricos em termos do saber e do fazer pedagógico e curricular: 1) o tempo da Neutralidade Iluminada; 2) o da Suspeita Absoluta; 3) e o do Desafio da Diferença Pura.

Voltando ao pensamento de Augé as pesquisas antropológicas denomina-se Ilusão do Etnólogo o qual remete a aquilo que se estuda, a uma sociedade transparente, que acaba encontrando a semifantasia dos indígenas, sendo considerada uma semi-ilusão.

Nesse contexto Corazza, defende que ou a diferença pura se torna, de uma vez por todas, a principal argila de nosso trabalho pedagógico e curricular, ou sermos educadores perdidos, à deriva, fora de nosso tempo.

A essa tentativa de manter uma imagem identitária baseado ao passado poderia se chamar de “tentação da totalidade”. Auge apresenta duas ideias de totalidade do fato social: uma que se remete a Mauss o homem médio na sociedade moderna seria qualquer um que não pertencesse à elite - Levi-Strauss expõe que o fato social é algo totalmente percebido, cuja interpretação está integrada a visão que se tem de qualquer um, baseando-se na concepção do homem “médio” ou “total”, que é afetado por tudo e qualquer coisa.

Auge acredita que existam pelo menos três características comuns que são identitária, relacionais e históricas. A primeira pode ser representada como o lugar do nascimento como constitutivo da identidade individual, um lugar próprio, singular e exclusivo. A segunda característica diz do lugar que, para Michel de Certeau, tem seus elementos distribuídos em relações de coexistência, ao lado do outro, onde num mesmo lugar podem coexistir elementos distintos e singulares. Por último, o lugar histórico ao conjugar a identidade e a relação, definindo uma estabilidade mínima. “O habitante do

lugar antropológico não faz história, vive na história” (AUGE, 1994, p.53).

Corazza, auxilia nos analisar historicamente a pedagogia e o currículo que vêm, histórica e politicamente, se constituindo desde século XVII, com a *Didática Magna*, de Comenius; com a descoberta da infância, pelo *Emílio*, de Rousseau; com a institucionalização da educação, pela invenção da escola. E apesar de sermos seguidores de uma tradição, com efeitos que declaramos negativos não podemos negar que ainda é dela que estamos nos ocupando. E é improutivo achar que podemos deixar as tradições e historicidade de lado e criar o novo sem sustentação, pois é essa história que nos dá base para prosseguir.

Os percursos e recursos na ideia de AUGÉ desaparecem no lugar antropológico na realidade se transformam, pois já não falam mais de lembranças e recordações do tempo que passa ou o indivíduo que muda.

Já se sabe que a identidade e a relação estão no cerne de todos os dispositivos espaciais clássicos estudados pela antropologia. Auge vem afirmar que a história também faz parte dos espaços, pois também possuem duração.

Há nos espaços coletivos uma reivindicação à profundidade histórica, bem como a abertura para o exterior, um equilíbrio o outro. Para tanto, vem-se colocando uma série de painéis que constituem uma espécie de cartão de visitas, que atraem o passante e turista, mas que só dá certo ao relacioná-los à história e a identidade arraigada na terra. Essa alusão ao passado torna mais complexa o presente. Multiplicam-se as referências às curiosidades locais que deveriam nos reter, mas que na realidade só faz apenas alusão ao tempo e lugares antigos dizendo algo daquele espaço presente.

Portanto, as coisas, palavras, pensamentos, teorias, práticas educacionais não existem por si mesmas, não estão fixadas, não são eternas nem universais- são à medida e somente à medida que se fazem à medida que se revelam como um por-fazer, como um esforço de conquista e de reconquista dos percursos da educação. A partir dessa perspectiva podemos dizer que todos os que educaram e educam vivemos três grandes tempos históricos, em termos do saber e do fazer pedagógico e curricular. Então vejamos.

O tempo da Neutralidade Iluminada os educadores creditaram ser grande modelo da divindade e que eles eram mediadores entre ela e a humanidade, e a sua missão era transmitir os conhecimentos- modos de ser sujeito e valores tidos como unívocos, eternos, universais. Foi um tempo muito importante, pois a pedagogia e o currículo começaram a produzir as condições históricas para que outro tempo educacional pudesse ser construído.

A partir do momento em que o mundo torna-se crítico o Ocidente percebe que era

hora de fazer um balanço e avaliar o traziam da tradição e os efeitos do que eles mesmos tinham ajudado a criar. E assumem duas orientações: as liberais, a serviço das melhorias do capitalismo, e as marxistas, que se opunham tanto às formulações da Neutralidade Iluminada quanto às da Suspeita Absoluta de origem capitalista liberal.

E as orientações de ordem marxista tem nesse período, uma importância decisiva para a pedagogia e o currículo e as Classes sociais, relações de produção, necessidade de conscientizar os explorados de sua exploração, lutas por emancipação e libertação de vários grupos, denúncias da escola como reproduutora das injustiças sociais e mantenedora do *status quo* cultural tornam- se ingredientes para que a pedagogia e o currículo armem uma grande Escola da Suspeita e coloquem o que sabem e fazem sob suspeita. Em outras palavras, foi um tempo de desmanchar as pretensões da Neutralidade Iluminada é o tempo das pedagogias e dos currículos críticos, radicais, emancipatórios, progressistas, cidadãos. É tempo de Paulo Freire e de sua potente produção mundial da Educação Libertadora. É o tempo da revolução em educação. Essa Escola da Suspeita, ao modo da Neutralidade Iluminada, foi de grande importância pelo que realizou em prol das classes e grupos subordinados, dos movimentos alternativos e não estatais, dos engajamentos e militâncias de seus professores, e de tudo o que preparou no caminho para o tempo vindouro. E que é este nosso o do Desafio da Diferença Pura.

Nesse tempo de Desafio da Diferença Pura todas as concepções e práticas atestam a existência dos diferentes, que povoam todos os lugares – etnias, gêneros, opção sexual, deficientes, os marginalizados, diferenças sociais e culturais... Os quais foram excluídos, calados, subordinados e dominado da identidade-diferença. Mas que, hoje, são puros, isto é, diferentes em si-mesmos, essencialmente-outros, não idênticos, outros-diversos. E que lutam para que suas diferenças sejam governadas, traduzidas, calibradas, reparadas, integradas ao velho princípio da identidade universal.

Nesses dias de hoje, os movimentos sociais e a teorização cultural não podem mais ser os mesmos, o currículo e a pedagogia não podem agir e nem pensar como antes, os professores e alunos não podem educar nem serem educados como até então. Nenhuma pedagogia e nenhum currículo ultrapassam ou substituem os anteriores, em direção ao melhor, mais avançado, mais perfeito. Mas cada pedagogia e cada currículo, cada um de nós, somos sempre muitos, que compõem o desafio educacional do aqui-e-agora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

AUGÉ, Marc. Não Lugares: *Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 2012.

CORAZZA, Sandra Mara. Uma vida de professora. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005. p. 144.